

NO RANCHO FUNDO EM PERSPECTIVA DIALÓGICA: DESIGN, TELENÓVELA E EDUCAÇÃO ESTÉTICA*


Beth Brait**

 <https://orcid.org/0000-0002-1421-0848>

Gláucio Henrique Matsushita Moro***

 <https://orcid.org/0000-0002-7172-2153>

Jean Carlos Gonçalves****

 <https://orcid.org/0000-0003-2261-5658>

Como citar este artigo: BRAIT, B.; MORO, G. H. M.; GONÇALVES, J. C. *No rancho fundo em perspectiva dialógica: design, telenovela e educação estética. Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 1-15, jan./abr. 2026. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETOL18235>

Submissão: 14 de setembro de 2025. **Aceite:** 27 de novembro de 2025.

Resumo: O artigo propõe uma análise de materialidades visuais e/ou verbovisuais de divulgação da telenovela *No rancho fundo* (TV Globo, 2024), tomando como centralidade teórico-metodológica as contribuições da análise dialógica do discurso. O estudo discute, a partir da repercussão negativa da primeira imagem divulgada, amplamente criticada por reforçar estereótipos sobre o Nordeste brasileiro, e do subsequente deslocamento do projeto discursivo, do realismo à fabulação estilizada, os sentidos e as vozes que ecoam no percurso de divulgação de uma obra audiovisual, em um processo no qual a educação estética surge como dispositivo para o diálogo entre arte e vida.

Palavras-chave: Perspectiva dialógica. *Design*. Telenovela. Educação estética. Discurso.

* Artigo realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Jean Carlos Gonçalves e Beth Brait são bolsistas de Produtividade em Pesquisa PQ1D e PQ1A do CNPq, respectivamente.

** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil. *E-mail:* bbrait@uol.com.br

*** Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil. *E-mail:* ghmoro@gmail.com

**** Universidade Federal do Paraná (UFP), Curitiba, PR, Brasil. *E-mail:* jeancarlosgoncalves@gmail.com

ABERTURA: VINHETA INTRODUTÓRIA

■ **A** imagem, na contemporaneidade, tornou-se um dos dispositivos centrais da mediação cultural, do imaginário coletivo e da disputa simbólica em diferentes esferas da vida social. Sua presença nos ambientes digitais, televisivos e publicitários exige cada vez mais um olhar crítico e uma compreensão ampliada de seus modos de construção, circulação e recepção. Este artigo parte da análise de um caso específico: a campanha de divulgação da telenovela brasileira *No rancho fundo*¹ (TV Globo, 2024) para discutir como o texto (visual ou verbovisual) opera como um enunciado, dotado de intencionalidade, historicidade e potencial político.

A proposta é articular os campos da análise dialógica do discurso² e do *design* de produção para refletir sobre o papel dos textos promocionais de divulgação como produtos culturais visualmente situados. A partir das críticas geradas pela divulgação de uma primeira materialidade, com fins de apresentação da novela ao grande público, tida como ofensiva por reforçar estereótipos sobre o Nordeste brasileiro, e da posterior adoção de um processo de educação estética fabular, buscamos compreender como as decisões sobre a divulgação de um produto televisivo revelam tensões culturais profundas, mobilizando perspectivas discursivo-enunciativas sociais diversas.

Compreendemos o texto, em suas dimensões verbal, visual e/ou verbovisual, como um fenômeno que atua simultaneamente nos planos estético, discursivo e político. A análise concentra-se nas transformações do discurso ao longo do tempo e situado em um determinado espaço, observando como o *design* de produção e a identidade gráfica operam como instâncias simbólicas que tensionam sentidos e reposicionam contratos de leitura com a recepção, sempre prevista, de algum modo. Por fim, defendemos a importância de uma educação estética capaz de formar um olhar crítico diante do texto, compreendendo-a como linguagem viva e profundamente imbricada em subjetividades que moldam os jogos de produção, circulação e recepção discursivo-enunciativos.

BREVES ACORDOS TEÓRICOS

Para Valentin Volóchinov (2017), a linguagem é uma prática social que não se confunde com qualquer sistema fechado e completamente abstrato em suas formas linguísticas. Ela é uma prática social com vida e, por isso, dialógica. O pensamento bakhtiniano³ caracteriza-se pelo fato de que a linguagem é intrinsecamente relacional, sendo constituída e ressignificada na relação entre sujeitos, ultrapassando uma ideia determinista de que a linguagem possa ser fixa ou possuir um único significado ou forma de ação. Assim, a enunciação não se restringe a uma única forma direta, ela pode ser entendida de uma maneira mais ampla, englobando todas as formas e situações de comunicação, mesmo aquelas que ocorrem das maneiras mais diversificadas e imediatas.

1 "No rancho fundo" foi, inicialmente, título do samba-canção de Ary Barroso e Lamartine Babo, cuja melodia, composta anteriormente por Ary Barroso e com letra de J. Carlos, intitulava-se "Na grota funda". Com novos versos, Lamartine Babo a renomeou "No rancho fundo". Trata-se de criação artística de grande popularidade, que conheceu várias versões, interpretada por muitos, caso de Miltoninho, Isaurinha Garcia, Eduardo Araújo, Francisco Petrônio, Dilermando Reis. Com a versão de Xitãozinho e Xororó, foi trilha sonora da novela *Tieta* (1989-1990), inspirada no romance de Jorge Amado, *Tieta do agreste*, adaptada por Aguinaldo Silva, Ricardo Linhares e Ana Maria Moretzsohn.

2 A respeito da análise dialógica do discurso, ver, entre outros, Brait (2006, p. 9-31; 2012, p. 9-29; 2020, p. 41-60).

3 A expressão "pensamento bakhtiniano" engloba ao menos três pensadores: M. Bakhtin, V. Volóchinov e P. Medviédev.

A perspectiva dialógica, tal como discutida por Bakhtin e o Círculo, assume uma linguagem que é viva e dinâmica, e pode se manifestar por meio de um caráter interativo múltiplo, pelo qual o ato de comunicação e interação propicia um conjunto de formas de sentido que são tensionadas e compartilhadas em um espectro desse intercâmbio de elementos.

Nesse âmbito, a educação estética pode ser pensada como um elemento que ultrapassa uma apreciação de ordem artística, constituindo-se como um processo interessado nas relações críticas e reflexivas integrantes do funcionamento e da mobilização do discurso em suas mais variadas facetas.

Schiller (2002) elabora sua discussão a respeito do tema a partir da palavra estética em grego, escrita como *aisthēsis*, cuja explicação mais literal significa capacidade de dar sentido as coisas, de olhar crítico do mundo, como um exercício do que é pensar e racionalizar uma sensação. Para o autor, a estética não se encerra única e simplesmente no entendimento ou na compreensão de uma obra de arte, por exemplo, pois aí estão imbricados os processos de produção e recepção que envolvem uma gama de subjetividades a serem consideradas.

Por isso, torna-se importante pensar a estética em sua junção com a educação, não só na composição da expressão – educação estética –, mas também na ideia de que essa expressão nos parece bastante adequada para a discussão de materialidades enunciativo-discursivas como produto de um tempo e de um espaço, relacionadas com a cultura, com o poder e com uma dinâmica de vozes conflitantes, em embate e politicamente (ou eticamente) situada⁴. Consideramos, ainda, em termos bakhtinianos, que

O traço característico da comunicação estética consiste justamente em esgotar-se por completo na criação da obra artística e nas suas recriações constantes mediante a contemplação cocriativa, sem necessidade de outras objetivações. No entanto, é claro, essa forma peculiar de comunicação não é isolada: ela participa do fluxo único da vida social [...] (Volóchinov, 2019, p. 116-117).

Nesse processo, a construção de sentidos, hoje, pode ser analisada considerando aspectos econômicos e sociais, atravessados por questões de raça, gênero, sexualidade e identidade. No caso da análise do *corpus* do presente trabalho, nosso olhar se lança, então, unindo a perspectiva dialógica à educação estética, em um mergulho interessado muito mais no sentido do que no significado.

Compreendemos que o texto, seja ele verbal, visual ou verbovisual, pode reforçar ideologias, perpetuar estereótipos ou promover narrativas específicas, que envolvem, por sua vez, sensorialidades, teatralidades e modos outros de dizer, escutar ou vivenciar o mundo. É aí que pensar uma análise dialógica, de caráter bakhtiniano, vinculada ao que temos entendido como educação estética, pode promover, a nosso ver, não apenas a leitura, mas também a capacidade de questionar e ressignificar uma materialidade que, a princípio, parece apenas responder a um interesse comercial, caso da divulgação da telenovela *No rancho fundo*. Há que se considerar, no entanto, que as camadas discursivo-enunciativas aí emaranhadas, e verbovisualmente transformadas em um curto período de tempo, nos dizem muito mais do que simplesmente anunciar que uma nova telenovela está prestes a estrear. É o que pretendemos mostrar na próxima seção.

4 Para uma melhor compreensão a respeito de nossa filiação teórica com relação à expressão educação estética, sugerimos a leitura do artigo "O que (não) é educação estética?" (Gonçalves, 2024).

INTERVALO COMERCIAL: *NO RANCHO FUNDO* EM ANÁLISE

Ao longo da fundamentação teórica, apresentaram-se conceitos e abordagens que agora ganham operacionalidade na análise concreta de um conjunto de imagens da campanha de divulgação da telenovela *No rancho fundo*. Essas imagens funcionam como casos exemplares do funcionamento e da mobilização do discurso na contemporaneidade, sendo entendidas como enunciados que circulam em dimensões visuais e/ou verbovisuais, nos quais se entrelaçam vozes sociais, escolhas estéticas e disputas simbólicas. A análise que propomos busca, portanto, ativar a noção de enunciado para observar como cada imagem se insere em uma cadeia discursiva de respostas, reações, tensionamentos e reinterpretações.

A telenovela *No rancho fundo* é uma produção da TV Globo exibida entre 15 de abril e 1º de novembro de 2024. De autoria principal de Mário Teixeira, é oficialmente apresentada como uma espécie de epílogo de outra novela da emissora, *Mar do sertão*, de 2022, do mesmo autor. A trama se passa no sertão nordestino, mais precisamente no Cariri, em duas cidades fictícias: Lasca Fogo e Lapão da Beirada (Caputo, 2024).

Na trama, os protagonistas da novela são a família Leonel Limoeiro, pessoas de origem pobre da região de Lasca Fogo que descobrem em uma gruta na fazenda da família uma reserva de turmalina paraíba e acabam por se tornar alvo da cobiça e de pessoas que querem se aproveitar da riqueza da família.

A cenógrafa da novela, Anne Bourgeois, comentou que o *design* da cidade foi inspirado em elementos arquitetônicos e decorativos de cidades interioranas do Norte e Nordeste do país, como as construções coloridas (Moratelli, 2024).

Já o diretor artístico Allan Fiterman descreve a novela como uma verdadeira fábula sertaneja, enfatizando seu caráter profundamente humano (Bravo, 2024). Segundo ele, a trama se apresenta como uma narrativa fabular, em que uma família humilde é também aquela que carrega os valores mais éticos e significativos, e é por meio desses valores que essa família transcende as barreiras da pobreza e da riqueza, mantendo-se unida ao longo de uma jornada. A aventura se desenrola quando eles deixam o rancho, após descobrirem a turmalina paraíba, e seguem para a cidade, marcando uma transição cheia de desafios e aprendizados.

A primeira imagem: a polêmica como ponto de partida

Uma primeira imagem promocional de *No rancho fundo* foi divulgada em março de 2024 e, imediatamente, causou grande controvérsia, sendo amplamente criticada por reforçar estereótipos relacionados aos nordestinos (Figura 1).

Do ponto de vista estético, a falta de cenário também reforça essa associação, com um ambiente quase sem nada, apenas com um pano bordado ao fundo, sem profundidade de campo alguma em uma representação geral suja e laranja na imagem.



Figura 1 – Primeira imagem divulgada da novela *No rancho fundo* – TV Globo

Fonte: Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2024/03/primeira-foto-de-no-rancho-fundo-gera-polemica-sobre-representacao-do-nordeste.shtml>. Acesso em: 2 set. 2025.

A TV Globo emitiu uma nota⁵ comunicando que a imagem era um teste interno e que a foto era fruto de um vazamento. O autor da novela, por sua vez, argumenta que o julgamento feito foi apressado e baseado em uma paleta de cores experimental, utilizada apenas como referência para outras propostas. Ele explica que essas cores não foram aprovadas, algo que se torna evidente nas chamadas oficiais da novela. Segundo ele, as críticas surgiram sem um entendimento completo do contexto, resultando em opiniões formadas sem conhecimento aprofundado. O diretor artístico Allan Fiterman afirmou que a polêmica criada em torno da imagem era completamente infundada. Ele explica que a foto que vazou fazia parte de um teste interno para avaliar as cores e texturas de figurinos em relação ao cenário, e que nunca teve a intenção de ser uma peça de divulgação. Para ele, é injusto que uma novela inteira tenha sido julgada com base em uma única imagem tirada do contexto. Fiterman ressalta que, em todos os seus projetos, realiza testes de cores antes das gravações como parte do processo criativo. Ele também expressa indignação com o vazamento da imagem, considerando que a pessoa responsável deveria ser responsabilizada legalmente, uma vez que se tratava de uma informação interna usada indevidamente e que foi divulgada para gerar controvérsia.

Diante da ampla repercussão negativa gerada pela primeira imagem promocional de *No rancho fundo* (“Primeira foto de ‘No rancho fundo’ gera polêmica sobre representação do Nordeste”, 2024), é necessário deslocar a análise do campo da simples avaliação estética para uma leitura discursiva mais bem situada. Por que a imagem foi lida como ofensiva? Por que provocou reações tão intensas tanto do público quanto dos próprios produtores? A resposta não se encontra apenas nos elementos visuais isolados, como a cor saturada, o figurino exagerado ou a expressão corporal dos atores, mas também no modo como esses signos se articulam para formar um enunciado carregado de vozes sociais (Bakhtin, 2023).

5 As informações constantes nesse parágrafo estão disponíveis em Pasin e Pavão (2024).

Para elucidarmos a forma como a noção de signo vincula-se à perspectiva dialógica e, ao mesmo tempo, demonstra sua potência para a análise de *corpus* que compõe este trabalho, apoiamo-nos nas contribuições de Machado (2013, p. 139), para quem:

Concebida como movimento entre signo verbal (a palavra) e a signicidade (sistemas de signos da vida social), a dialogia do discurso não se manifesta fora da signicidade emanada da sociosfera histórico-cultural. Disso se infere que as formulações sobre a dialogia discursiva estruturam as bases de processos sistêmicos transformados em síntese da semiose da cultura. O círculo bakhtiniano serve-se constantemente da noção de sistema para organizar suas formulações. Ideologema constitui um sistema de ideias; imagicidade abrange um sistema de imagens da linguagem; poética refere-se a um sistema de modelos artísticos do mundo; o sentido se constrói pelo sistema de relações dialógicas.

Nessa perspectiva, a Figura 1, entendida aqui como um enunciado repleto de signos, responde a um determinado e reduzido imaginário coletivo sobre o sertão e sobre o Nordeste brasileiro. Trata-se de um discurso visual que convoca sentidos conhecidos sobre um nordestino sofrido, imerso em um cenário árido por meio de uma espécie de pobreza heroica, que o reinscreve em uma peça promocional que deveria, em tese, introduzir uma narrativa nova e fabular. A reação pública é, portanto, uma resposta enunciativo-discursiva a esse gesto visual, que ativa memórias culturais e disputas simbólicas sobre quem pode representar o que e de que forma. A gravidade da reação se amplia porque a imagem, mesmo sendo um “teste”, circula como um enunciado validado pela mídia especializada e, nessa circulação, adquire sentido social.

Como propõe Volóchinov (2017), todo enunciado se insere em uma cadeia discursiva, e é nessa cadeia que ele é interpretado, tensionado, negado ou ressignificado. A tentativa subsequente da produção de reposicionar a imagem dentro de uma estética de fábula, alegoria ou fantasia pode ser lida como uma nova resposta enunciativo-discursiva, que tenta deslocar o eixo do realismo para o da estilização. Não estamos diante de uma simples troca de imagens, mas de um processo contínuo de negociação de sentidos, no qual o *design* de produção atua como instância discursiva, organizando visualidades e cenários com o objetivo de ajustar o contrato de leitura com o público. Essa imagem, portanto, não é apenas mal executada; ela é discursivamente marcada, culturalmente situada e socialmente interpretada, e é nesse terreno que uma análise dialógica deve atuar, considerando os processos de entonação que envolvem o funcionamento e a mobilização do discurso:

[...] toda entonação se orienta em duas direções: para o ouvinte, como cúmplice ou testemunha, e para o objeto do enunciado, como um terceiro participante vivo, o qual a entonação xinga, acaricia, aniquila ou eleva. Essa orientação social dupla determina e atribui sentido a todos os aspectos da entonação (Volóchinov, 2019, p. 127, grifo do autor).

Todo elemento que aparece em tela por meio desse tratamento é fruto de um processo criativo, no qual as escolhas feitas buscam não apenas representar a realidade, mas também amplificar as vozes que constituem a materialidade linguística. O *designer* de produção, assim como outros profissionais do *design*, tem a responsabilidade de assegurar que a identidade visual seja coesa e envolvente, permeando todo o projeto, seja ele um filme, uma série ou um programa televisivo.

As imagens oficiais: uma alegoria?

Uma nova imagem logo foi lançada oficialmente nos canais pouquíssimo tempo depois, o que sugere, também, a relação com um novo espaço sógnico de divulgação, ou seja, estamos diante de uma possibilidade de pensar a partir do conceito bakhtiniano de cronotopo, em todas as suas nuances e contornos, como constitutivo desse processo enunciativo-discursivo:

Chamaremos de cronotopo (que significa “tempo-espaço”) a interligação essencial das relações de espaço e tempo como foram artisticamente assimiladas na literatura. Esse termo é empregado nas ciências matemáticas e foi introduzido e fundamentado com base na teoria da relatividade (Einstein). Para nós não importa o seu sentido específico na teoria da relatividade, e o transferimos daí para cá para o campo dos estudos da literatura quase como uma metáfora (quase, mas não inteiramente); importa-nos nesse termo a expressão de inseparabilidade do espaço e do tempo (o tempo como a quarta dimensão do espaço) (Bakhtin, 2018, p. 11).

A constituição da imagem apresentada a seguir é praticamente a mesma da anterior; mas sua perspectiva cronotópica é alterada: pessoas sentadas, olhando como se fosse uma foto de família antiga, com outra dimensão de enquadramento fotográfico, o que molda o olhar do espectador com relação às personagens e sua habitação do tempo e do espaço (Figura 2).



Figura 2 – Imagem oficial de divulgação da novela *No rancho fundo* – TV Globo

Fonte: Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/colunas/lucas-pasin/2024/04/15/como-no-rancho-fundo-se-livra-de-polemica-foto-vazada-antes-da-estreia.htm>. Acesso em: 2 set. 2025.

Diferentemente do enunciado anterior, agora notamos que toda a imagem é muito menos saturada e os personagens estão em uma ambientação muito mais lúdica. Aqui cabe um adendo para o fato de que, na teoria bakhtiniana, entende-se por personagem (Bakhtin, 2023) um sujeito com voz no mundo, que, em meio ao tecido dialógico de sua existência, revela as vozes que o constituem. O cenário

em questão, nessa imagem, é muito mais teatral e todo o *design* de produção da imagem remete a uma aparência muito mais artificial.

Na imagem, as luzes são claramente diferentes da textura do cenário, enquanto todo o conjunto remete muito mais a uma alegoria em si do que a uma metáfora mimética, muito mais próximo da descrição da telenovela feita por Allan Fiterman como uma “uma verdadeira fábula sertaneja”.

Essa imagem também é o pôster oficial da novela, a qual foram adicionados elementos que a tornam muito mais fabular e lúdica (Figura 3).



Figura 3 – Pôster oficial de divulgação da novela *No rancho fundo* – TV Globo

Fonte: Disponível em: <https://www.adorocinema.com/series/serie-36589/foto-detalhada/?cmediafile=1000289818>. Acesso em: 2 set. 2025.

O fato é que a estética das imagens tomou esse rumo a partir daí. A polêmica sobre as caracterizações da novela foi tanta, em relação à imagem inicial, que a estética de “fábula” foi sendo cada vez mais adotada nas imagens de divulgação da novela. Estaríamos diante de um processo de educação estética, que reverberou em uma guinada proposital quanto aos sentidos provocados pela imagem em seu público, em sua recepção?

Notemos que a imagem veiculada no dia da estreia da novela, em abril, já tinha sido engolida em seus fragmentos de realidade. Lá, já não havia mais foto alguma.



Figura 4 – Pôster promocional de divulgação da estreia da novela *No rancho fundo* – TV Globo

Fonte: Disponível em: https://www.instagram.com/p/C5yVwurrD9V/?img_index=1. Acesso em: 2 set. 2025.

Uma nova identidade visual foi adotada em mais de uma peça de campanha para a estreia, como podemos ver na Figura 4, indicada anteriormente, e na Figura 5, apresentada a seguir.

Os desenhos estilizados, principalmente dessa categoria, são altamente trabalhados visualmente e acabam por remeter a uma identidade muito mais sutil em termos de identificação de expressões, colorizações, crença na realidade e suspensão de descrença da imagem.

Gombrich (2007) afirma que uma imagem representada de maneira muito estilizada, como uma ilustração, pode ser vista e identificada com a ideia de que ali não está uma realidade, como se supõe ou se sugere, em alguns casos, pela fotografia. A educação estética surge, nesse processo, como dispositivo de representação de um sertão em fábulas, ou seja, convida a um imaginário do que seria o sertão, no caso específico da telenovela, sem, no entanto, buscar qualquer tipo de compromisso com a realidade. A chance de qualquer julgamento a respeito das peças publicitárias acaba sendo, desse modo, muito menor.

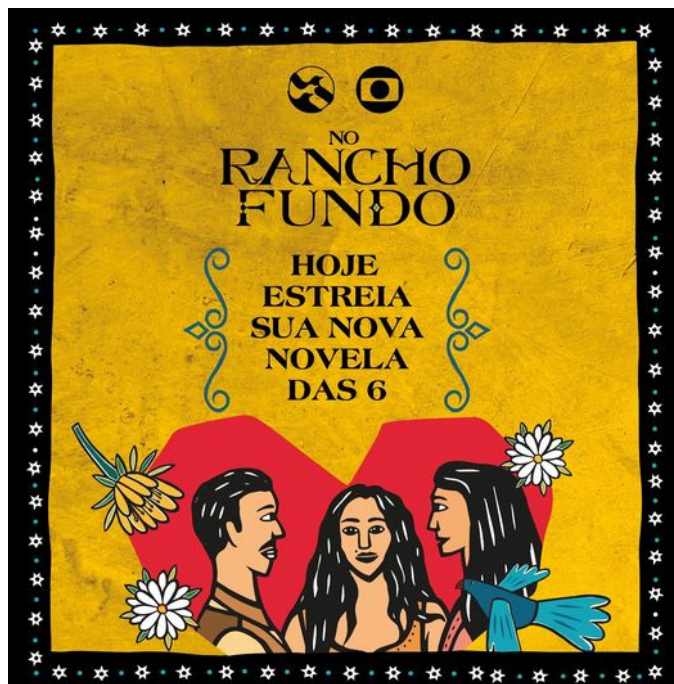
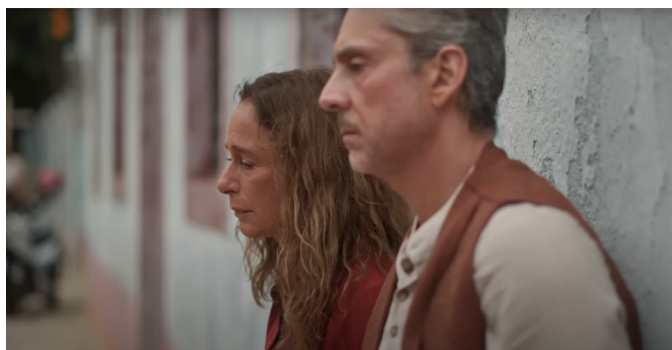


Figura 5 – Pôster promocional de divulgação da estreia da novela *No rancho fundo* – TV Globo

Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/TvAsaBranca/photos/no-rancho-fundo-%C3%A9-criada-e-escrita-por-mario-teixeira-com-dire%C3%A7%C3%A3o-art%C3%ADstica-de-a/1322524595361775/>. Acesso em: 2 set. 2025.

Destacamos que a telenovela *No rancho fundo* possui uma direção artística muito diferente das representações iniciais divulgadas em pôsteres e imagens de apresentação publicitária. Não há nem mesmo a supersaturação, de forma que toda a estética remete muito mais a um vilarejo do interior, com características mais voltadas para um faroeste lúdico e metafórico. De fato, em tela e em movimento, a alegoria se torna presença, o que se diferencia da imagem inicial apresentada neste texto.



(continua)



Figura 6 – Imagens oficiais da novela *No rancho fundo* – TV Globo

Fonte: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5-HNQas5b9g&list=PLCG86DHec6YFB7AK_vlBeA14-7Y6NXZgT&ab_channel=TVGlobo. Acesso em: 2 set. 2025.

É importante refletir sobre os movimentos discursivos que fizeram com que as imagens da novela, após a sua estreia, passassem a misturar certa estilização a situações do enredo e da narrativa televisiva.



Figura 7 – Pôster final da novela *No rancho fundo* – TV Globo

Fonte: Disponível em: <https://globoplay.globo.com/busca/?q=norrancho>. Acesso em: 2 set. 2025.

Podemos notar uma certa positividade, também, nas posturas de todos os personagens em comparação com as imagens anteriores. Os sorrisos, a disposição dos corpos e as cores formam um conjunto que gera, agora, outros sentidos, bem distantes daqueles com os quais iniciamos este texto.

É possível compreender, então, como as imagens produzidas para a campanha promocional da telenovela operam como enunciados que atravessam e reorganizam o campo da representação cultural. A partir da análise de um conjunto de imagens fotográficas que transitam entre as dimensões verbal e verbovisual, evidenciamos como o *design* de produção se torna um operador discursivo que não apenas ambienta visualmente uma narrativa, mas também participa de disputas simbólicas que envolvem identidade regional, memória histórica e negociações ideológicas. São representações não neutras, nem fixas: elas são o resultado de um processo cultural e enunciativo-discursivo no qual diferentes vozes se entrelaçam, colidem ou se acomodam em um jogo dinâmico de significação. As imagens analisadas revelam não apenas escolhas estéticas, mas também posicionamentos discursivos, e é justamente nesse entrelugar entre o estético e o ideológico que reside sua força de impacto ou rejeição pública, o que justifica, de algum modo, nossa opção pela expressão educação estética, compreendendo-a como um dispositivo capaz de gerar novas leituras de mundo, seja na arte ou na vida.

Cada imagem que integra o recorte aqui delimitado deve ser compreendida como um enunciado situado, que responde a um circuito de produção e de circulação específico, seja como um *post* de rede social, uma chamada televisiva ou uma peça gráfica institucional. A definição de imagem que adotamos não é meramente técnica ou formal, mas cultural e discursiva. Entendemos a imagem como uma construção perceptiva e simbólica, que só ganha sentido pleno no ato interpretativo do sujeito, um ato mediado por sua formação cultural, por sua memória coletiva e por seu repertório sempre vinculado à educação estética.

Ao colocarmos em diálogo os campos do *design* de produção, da análise dialógica do discurso, da filosofia da linguagem e dos estudos culturais, propusemos uma leitura da imagem como linguagem em disputa, como enunciação visual e/ou verbovisual, carregada de tensões sociais e simbólicas. A passagem de uma representação mais “realista” a uma composição alegórica não é apenas um deslocamento de estilo, mas também uma tentativa de reposicionar o contrato de leitura entre autor e público, evitando a reiteração de estereótipos e buscando abrigo na linguagem da fábula, em que o exagero e a teatralidade não soam como ofensa, mas como estilização simbólica. E podemos imaginar que “o discurso teatral pode, por esta perspectiva, tornar-se uma lente eficaz para o enfrentamento e experimento do mundo, especialmente quando se encontram no foco dessa discussão o corpo e a educação estética” (Gonçalves, 2022, p. 603).

Contudo, esse gesto analítico não está livre de embates com outras leituras e análises, pois todo deslocamento discursivo é também uma tomada de posição. Todo enunciado é irrepetível, na medida em que, necessariamente, engloba o contemplador, seu lugar diante do mundo, diante da arte, seus posicionamentos: seja ele o espectador e/ou o pesquisador.

A imagem nos permite afirmar que as materialidades recorrentes do *design* de produção, como práxis do visual e/ou verbovisual, devem ser pensadas como atos discursivos situados, profundamente imbricados nas lógicas da cultura e da linguagem. A imagem, como enunciado, é sempre mais do que aquilo que se

vê: ela é aquilo que se diz, se responde, se disputa. E é justamente nessa capacidade de articular múltiplas camadas de sentido que reside sua potência como educação estética.

ÚLTIMO CAPÍTULO: FIM

O uso de uma estilização no material promocional de *No rancho fundo* teve um impacto significativo na forma como a novela foi percebida, sobretudo após as controvérsias em torno da primeira imagem divulgada. A produção gráfica de uma abstração visual foi capaz de atenuar a sensação de realismo, permitindo maior liberdade interpretativa. A presença de desenhos estilizados nos enunciados carrega um caráter simbólico que dialoga mais diretamente com o imaginário do espectador. Essa característica faz com que as imagens estilizadas sejam menos propensas a críticas relacionadas à representação cultural, pois não reivindicam uma mimese perfeita do mundo real.

Nesse sentido, a escolha de desenhos estilizados com traços simplificados e cores vibrantes contribuiu para reposicionar a narrativa visual da novela, destacando seu caráter fabular e lúdico, como descrito pelo diretor Allan Fiterman. Além disso, ao adotar uma composição com desenhos estilizados, a novela reforçou a ideia de alegoria, permitindo que o público interpretasse o sertão como um espaço de fantasia e metáfora, em vez de uma reprodução literal.

Para Aumont (2002), essa estratégia visual amplia as possibilidades de leitura e estimula o diálogo cultural, pois insere a imagem em um campo de sentidos mais abertos e simbólicos, em vez de fixar o discurso em representações limitadas ou polêmicas. Assim, a estilização das imagens desempenhou um papel na reconstrução da identidade visual de *No rancho fundo*, criando, a nosso ver, por meio de um dispositivo de educação estética, um espaço discursivo-enunciativo mais acessível e menos sujeito a julgamentos sobre autenticidade cultural.

No caso da novela *No rancho fundo*, a análise das imagens divulgadas no processo promocional exige um olhar que possa identificar as camadas de sentido que constituem os elementos visuais. A primeira materialidade de divulgação da telenovela, por exemplo, demanda uma leitura crítica para que possamos compreender como ela se relaciona com os estereótipos culturais e as intenções comunicativas dos seus produtores. A evolução para o desenho final também é representativa de como as escolhas do *design* refletem uma tentativa de reposicionar o discurso da obra, ajustando-se às críticas ou reinterpretando os significados culturais.

O *design* de produção em *No rancho fundo* atua como uma ferramenta essencial na construção dessa narrativa visual e/ou verbovisual, dialogando com os elementos culturais e simbólicos que estruturam a percepção do público. Nesse contexto, o enunciado organiza elementos vinculados a um discurso teatral, como figurinos, cenários e iluminação, mas também estabelece um diálogo com a cultura e o imaginário coletivo. Por meio da escolha deliberada de cores, texturas e composições, cria-se um campo semântico que reflete valores, identidades e dinâmicas sociais do sertão representado na telenovela.

Ao incorporar traços do *design* que remetem a uma “fábula sertaneja”, como os cenários teatralizados e os figurinos estilizados, a produção cria uma narrativa visual que ultrapassa o *realismo*. Esse processo dialógico, no qual cada elemento da linguagem textual da imagem é visual e verbalmente lido, é constantemente

ressignificado nas interações entre criação e recepção. Assim, o *design* de produção em *No rancho fundo* funciona como um mediador cultural que tensiona significados entre os símbolos visuais e verbovisuais apresentados e as interpretações do público.

Os cenários coloridos e as composições pictóricas remetem a um imaginário idealizado do sertão, enraizado em referências culturais específicas, especialmente aquelas advindas de uma alegoria bem própria que circula discursivamente no Sul e Sudeste do Brasil sobre Nordeste. Essa escolha discursiva comunica a atmosfera dramatúrgica ao mesmo tempo que reflete a interação dinâmica entre cultura, representação e narrativa visual e/ou verbovisual de quem a desenvolveu.

A educação estética, nesse sentido, se traduz no próprio movimento de produção, circulação e recepção das imagens, a cada nova imagem que surge, apurando o olhar do espectador e o levando a compreender como cada componente contribui para a construção de um discurso outro, repleto de sentidos em trânsito, em tensão, nunca estáticos, mas sempre vinculados a um emaranhado de vozes que disputam espaços e pertencimentos, tanto na arte quanto na vida.

NO RANCHO FUNDO IN A DIALOGIC PERSPECTIVE: DESIGN, TELENVELA AND AESTHETIC EDUCATION

Abstract: The article proposes an analysis of the visual and/or verbovisual materialities of the publicity for the telenovela *No rancho fundo* (TV Globo, 2024), adopting as its theoretical-methodological framework the contributions of dialogic discourse analysis. The study examines, beginning with the negative reception of the first image released widely criticized for reinforcing stereotypes of Northeastern Brazil and the subsequent displacement of the discursive project, from realism to stylized fabulation, the meanings and voices that reverberate throughout the promotional trajectory of an audiovisual work. Within this process, aesthetic education emerges as a dispositive for articulating a dialogue between art and life.

Keywords: Dialogic perspective. Design. Telenovela. Aesthetic education. Discourse.

REFERÊNCIAS

- AUMONT, J. *A imagem*. Tradução Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. 7. ed. São Paulo: Papirus, 2002.
- BAKHTIN, M. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BAKHTIN, M. *O autor e a personagem na atividade estética*. Tradução, prefácio e notas Paulo Bezerra; notas da edição russa Serguei Bocharov. São Paulo: Editora 34, 2023.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-31.
- BRAIT, B. Perspectiva dialógica. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. (org.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012. p. 9-29.

- BRAIT, B. Perspectiva dialógica: um percurso brasileiro. In: VIERIA, F. E.; BAGNO, M. (org.). *História das línguas, histórias da linguística*: homenagem a Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2020. p. 41-60.
- BRAVO, Z. Qual é a história da novela “No rancho fundo”? *Extra*, 1º abr. 2024. Disponível em: <https://extra.globo.com/blogs/telinha/post/2024/04/qual-e-a-historia-da-novela-no-rancho-fundo.ghtml>. Acesso em: 8 jul. 2025.
- CAPUTO, G. Onde foi gravada a novela das seis, “No rancho fundo”: Lasca Fogo e Lapão da Beirada existem? *Entretê*, 27 abr. 2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/onde-foi-gravada-a-novela-das-seis-no-rancho-fundo-lasca-fogo-e-lapao-da-beirada-existem,e91d9ea03f37aaa469d45d1cef4a3207c76e918f.html>. Acesso em: 8 jul. 2025.
- GOMBRICH, E. H. *Arte e ilusão*: um estudo da psicologia da representação pictórica. Tradução Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- GONÇALVES, J. C. Discurso teatral, corpo e educação estética: um passeio de bike autoficcional. *Desenredo*, Passo Fundo, v. 18, n. 3, p. 598-610, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5335/rdes.v18i3.13880>
- GONÇALVES, J. C. O que (não) é educação estética? *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, v. 19, n. 2, e63561p, 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/63561>. Acesso em: 13 set. 2025.
- MACHADO, I. Concepção sistêmica do mundo: vieses do círculo intelectual bakhtiniano e da escola semiótica da cultura. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 136-156, 2013.
- MORATELLI, V. As curiosas referências da cidade cenográfica de “No rancho fundo”. *Veja*, 9 maio 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/as-curiosas-referencias-da-cidade-cenografica-de-no-rancho-fundo/>. Acesso em: 1º set. 2025.
- PASIN, L.; PAVÃO, F. Como “No rancho fundo” se livra de polêmica foto vazada antes da estreia. *UOL*, 15 abr. 2024. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/colunas/lucas-pasin/2024/04/15/como-no-rancho-fundo-se-livra-de-polemica-foto-vazada-antes-da-estreia.htm>. Acesso em: 8 jul. 2025.
- PRIMEIRA foto de “No rancho fundo” gera polêmica sobre representação do Nordeste. *Folha de S.Paulo*, 1º mar. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2024/03/primeira-foto-de-no-rancho-fundo-gera-polemica-sobre-representacao-do-nordeste.shtml>. Acesso em: 2 set. 2025.
- SCHILLER, F. *A educação estética do homem*. Tradução Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.
- VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica (1926). In: VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia*: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 109-146.